

Cárlida Emerim

Doutora em Processos Midiáticos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. É professora na Graduação e na Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordena o Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTLE/UFSC/CNPq).

E-mail: carlidaemerim@gmail.com.

Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos

Cárlida Emerim

Resumo

O artigo propõe sistematizar os resultados obtidos em diferentes pesquisas em torno do telejornalismo, realizadas desde 2012 no âmbito do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Efetivamente, buscando desenvolver conceitos operacionais para o campo, além de explicitar uma proposta de análise dos objetos do telejornalismo que parte da Semiótica Discursiva, postulada por Algirdas Julien Greimas. Para tanto, recorre à revisão bibliográfica articulada com os resultados dessas pesquisas empreendidas pela autora nos últimos cinco anos, apresentando também prospecções de estudos em torno do telejornalismo assumido como um jornalismo para múltiplas telas, não apenas aquele destinado especificamente ao suporte de transmissão televisual.

Palavra-chave: Telejornalismo. Inovação: Linguagem. Semiótica Discursiva.

Abstract

The article systematizes the results of different research regarding television news, carried out since 2012 within the scope of the Graduate Program in Journalism of the Federal University of Santa Catarina. Specifically, it develops operational concepts for the field, in addition to suggesting a framework of analysis for broadcast news, based on Discursive Semiotics postulated by Algirdas Julien Greimas. To do so, it reviews the results of research undertaken by the author during the last five years while also exploring studies on multi-screen TV journalism.

Keywords: Broadcasting News. Innovation: Language. Semiotics.

Vive-se a era das imagens há pelo menos 50 anos, se não mais. A cada nova ferramenta técnica que permita ao ser humano ampliar o domínio sobre as imagens do mundo ou de si mesmo, percebe-se um movimento de apagamento ou esquecimento das práticas antigas, dotando poder apenas ao que ainda não se dominou. Caso que ocorre, nos últimos tempos, com os meios mais tradicionais conhecidos e “dominados” e a internet com sua crescente evolução. Mesmo sendo a internet apenas um meio de transmissão de dados através da conexão de uma rede de computadores ela logo foi estabelecida como um campo específico de estudos, com pesquisadores ocupados em estudar as formas de produção de conteúdo que vem sendo exibidas neste novo sistema, além de seus desdobramentos narrativos, estéticos, mercadológicos e econômicos, entre outros. O que se diferencia do que foi empreendido por pesquisadores de rádio e de televisão, em sua maioria, que se preocuparam muito mais em apontar os problemas do que as situações favoráveis e/ou inovadoras. Ressalta-se que há pesquisas que tem este viés propositivo no campo do rádio e da televisão, mas elas ainda são um número muito menor frente àquelas que trazem as questões negativas dos meios mais tradicionais.

Em outro aspecto, quando o rádio e, mais posteriormente, a tevê surgiram eles foram adotando, inicialmente, formas ou modelos já existentes para depois desenvolver uma linguagem específica, pautada em suas gramáticas de produção que, por sua vez, passaram a configurar características mais pontuais destes veículos. Dentre todas as mídias desenvolvidas a televisão foi a primeira a reunir não só a possibilidade de transmitir imagens em movimento e à distância – embora tenha precisado esperar a invenção da célula fotoelétrica e da válvula eletrônica para transformar a imagem em pontos e fazer sua propagação através de impulsos elétricos –, como também de agregar múltiplas linguagens hibridizando rádio, teatro, cinema, fotografia, jornal impresso, desenhos, gráficos, etc., num só produto: o televisual. Por estas características técnicas e, também, pelas possibilidades de propiciar a proximidade com a imagem em movimento, a televisão foi se estruturando também como espaço de apresentação do real e do ficcional, conseguindo delimitar claramente, por um longo período, as fronteiras entre ambos. A magia da “janela para o mundo” ganhou espaços ainda mais próximos aos seres sociais, pois passou a habitar dentro de suas próprias casas, ocupando um lugar nos quartos e cozinhas dos brasileiros, preenchendo os vazios, um tipo de companhia da modernidade.

Como resultado, pode-se dizer que o modelo de televisão que se implantou no Brasil exerce uma marcante influência no imaginário social, eventualmente sobrepondo-se a um plano real marcado por rupturas e desigualdades sociais. Trata-se de uma questão complexa, uma vez que a televisão é também a expressão de uma linguagem própria, que além de atravessar um conjunto de programas de vários gêneros, trabalha a partir de uma estratégia de veiculação que torna possível a continuidade da emissão, dentro de um determinado padrão técnico. (TEMER; TONDATO, 2009, p. 16).

Pode-se afirmar que a relação do brasileiro com a televisão é diferenciada da que ocorre em qualquer outra parte do mundo, porque o veículo nasceu no Brasil junto com a publicidade, o patrocínio, a venda e o lucro. Esta constituição marcou profundamente o modelo de negócio, os formatos e gêneros bem como a relação desta mídia com o telespectador, aliás, mais ainda, marcou também uma configuração social específica que a televisão brasileira ajudou a definir. Do ponto de vista do meio profissional, a concepção do lucro foi potencializada principalmente pelas

produções de entretenimento, que puderam desenvolver-se e criar novas propostas narrativas e estéticas ao longo do tempo, driblando até mesmo um dos períodos mais complexos e duros de nossa história recente: a ditadura militar.

Em relação ao jornalismo produzido para a televisão brasileira, ele foi se constituindo paulatinamente e demorou mais do que os outros setores para descobrir e afirmar sua rotina produtiva, suas características intrínsecas, seus modelos narrativos e estéticos. Dos 67 anos de existência no Brasil, somente nos últimos 40 anos que os intelectuais e pesquisadores brasileiros dedicam-se a compreender a televisão pelo viés do jornalismo, ou do telejornalismo, definido por muito tempo apenas como o jornalismo feito para a televisão. É verdade que muitas pesquisas foram realizadas ao longo do tempo em torno da televisão e de seus produtos, mas, a maior parte delas respondia a preocupações de outras áreas, como se enfatiza em texto anterior¹. Outra diferenciação que aparece nesses estudos e que, de certa forma, categorizou e instituiu uma dicotomia no campo, refere-se ao tipo ou modelo produtivo de telejornalismo assumido por empresas tanto comerciais quanto públicas, sendo objeto pesquisado por diferentes campos do conhecimento, não só o da comunicação e do jornalismo.

Do ponto de vista desta trajetória, o presente artigo propõe-se a refletir sobre este espaço específico do telejornalismo na mídia contemporânea e nos estudos acadêmicos, considerando as características fundantes do meio e seu processo de transmissão de imagens e dados informacionais. Para tanto, recorre ao que seria a essência deste telejornalismo, perpassando por uma espécie de introdução à teoria do telejornalismo e, por fim, prospectando um percurso produtivo para este contexto de pesquisa em telejornalismo ou o jornalismo para telas, como se irá apresentar e assumir logo adiante. O artigo foi realizado partindo de uma revisão bibliográfica não só em autores mais clássicos e conceituais como também nos resultados das discussões de pesquisas em torno deste campo em específico, bem como em proposições da autora (com a colaboração de alunos de graduação, iniciação científica, mestrado e doutorado, bem como colegas de grupos de estudos e de redes de pesquisas). Alguns dos conceitos operacionais resultantes destes esforços têm sido adotados e assumidos pelos integrantes da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo, a Rede Telejor, e publicados em livros por ela chancelados bem como por diferentes programas de Pós-Graduação em Jornalismo e Comunicação². Prioritariamente, o artigo quer defender a existência e pertinência de um campo específico de estudos, o telejornalismo, bem como apresentar, com mais fundamentação, o conceito operacional do telejornalismo como um jornalismo para telas.

Um campo específico: o Telejornalismo

Para compreender qualquer produto do jornalismo é necessário entender seu percurso formativo, quer dizer, a natureza de seu processo de feitura, de produção. Isso porque o jornalismo é ao mesmo tempo teoria e prática, sua aplicabilidade prática é que define seu constructo teórico e esta teoria reverbera em suas práticas, apresentando possibilidades de qualificação dos processos, dos produtos e da formação profissional. É por isso que Meditsch (1997) já apontava que o jornalismo é uma forma de produção de conhecimento específica:

[...] o Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E, ao revelar diferente pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar (MEDITSCH, 1997, p. 03)

¹Sobre este aspecto, ler EMERIM, Cárilda. *Telejornalismo e pesquisa: experiências, metodologia e resultados*. In: (EMERIM, 2011).

²Desde 2006, anualmente, a Rede Telejor publica livros que compilam os principais resultados das discussões do grupo ou da temática da pesquisa em rede, sendo que os livros de 2015 e 2016 alcançaram as classificações L3 e L4 na avaliação da CAPES, publicada em 2017.

Ampliando esta percepção, o Jornalismo exerce também uma função prática que parte da observação da realidade, do cotidiano da sociedade e das relações que se estabelecem entre os indivíduos e o mundo. É neste contexto em que ele se institui como uma forma específica de conhecimento. No âmbito do Telejornalismo, esta essência carrega os preceitos do jornalismo, como área fundante e as perspectivas técnicas e estéticas da televisão que se constitui, ao mesmo tempo, como meio de transmissão e formato narrativo. É preciso ressaltar que na época em que surge a televisão, era comum definir as imagens partindo de seu suporte, ou seja, das características materiais que permitiam a produção de imagens visto que elas traziam elementos mais identificáveis como o fotográfico, o videográfico, o filmico, etc. Neste contexto, o termo *Telejornalismo* passou a identificar imagens capturadas pela câmera de vídeo analógico reproduzido ou exibido via televisão, remetendo, assim, ao *jornalismo produzido para e pela televisão*.

Mas, nos últimos anos, com os processos de hibridação constante nas produções televisuais aliados ao constante surgimento de novas plataformas e suportes, o campo de atuação do jornalismo têm se ampliado para as diferentes telas e está exigindo um repensar em torno destas definições sobre o jornalismo televisual e suas infinitas possibilidades narrativas. Em outra direção, as possibilidades semânticas do próprio termo Telejornalismo permitem ampliar a compreensão desse senso comum que o ligava exclusivamente à televisão. É importante ressaltar que a televisão emprega a imagem em movimento que já era característica do cinema, mas dele se diferencia pela possibilidade de transmitir ao vivo, em tempo real as imagens e sons do mundo. Para pensar TELE, primeiro se recorre ao dicionário etimológico que o escreve com grafia tel(e) e o define como *elemento composto do grego* que está ligado a noção de *longe, longe de* ou *ao longe*; podendo remeter, também a noção de distância ou de modelo de transmissão de dados a distância. Este último, aliás, é a própria essência da definição de telecomunicação, segundo o Glossário publicado pela Anatel (BR):

telecomunicação 1. (Dec. 97057/88) comunicação realizada por processo eletromagnético. 2. (RR) qualquer transmissão, emissão ou recepção de símbolos, sinais, texto, imagens e sons ou inteligência de qualquer natureza através de fio, de rádio, de meios ópticos ou de qualquer outro sistema eletromagnético. telecomunicação analógica 1. (Dec. 97057/88) telecomunicação de informação codificada com o uso de técnica analógica. telecomunicação digital 1. (Dec. 97057/88) telecomunicação de informação codificada com o uso de técnica digital. (ANATEL: S/D, p. 315).

Assim, o termo TELE que compõe o televisual, ou, tele + visual = distancia + visão (acuidade, campo, percepção, impressão) considera os elementos técnicos e expressivos que envolvem a realização deste tipo de produto nesta mídia tais como os planos, os enquadramentos e angulações, a iluminação, as cores, a edição e suas nuances e efeitos, as cenas e a composição das imagens; e de conteúdo, como o que é dito, descrito, o som, o áudio ambiente, a trilha, a voz, as formas textuais e a edição conceitual, no âmbito do que se diz e mostra, ou seja, o conteúdo, reunindo as regras produtivas que podem ser, até mesmo, anteriores a própria exibição do produto televisual. Assim, é possível pensar numa definição mais contemporânea se articularmos Tele + Jornalismo, pois podemos afirmar que este *Telejornalismo* seria *um jornalismo feito para ser distribuído para e/ou ao longe, ou ainda, transmitido para lugares distantes*, muito mais do que um jornalismo para ser exibido apenas numa tela de visão (definição mais comum do aparelho televisão). Nesta mesma

metodologia, partindo para compreender etimologicamente o termo TELA, verbete que vem do latim *tela* ou *telea* refere-se fundamentalmente a fio ou tecido ou a *tecido formado por fios, trama, membrana, matriz ou superfície*; transposto aos termos mais técnicos, de glossários, manuais de tecnologia digital ou, mesmo, de dicionários mais tradicionais designa superfície (quadro, material refletivo) para a projeção (frontal ou traseira) de imagens.

Diante do exposto, numa primeira acepção, pode-se afirmar que o termo *Telejornalismo* pode definir o jornalismo que é produzido e distribuído para e por telas, incluindo televisão, computador, smartphone, celular, tablets ou os demais dispositivos e suportes (móveis ou não) que utilizem uma tela de visão ou uma tela refletiva para exibir, distribuir e compartilhar dados³. Neste ponto, é preciso explicitar que a terminologia usual das práticas do jornalismo que envolve áudio e vídeo é o telejornalismo; pois a simplificação do uso do termo audiovisual para agregar ou referir a este tipo de produção telejornalística ele não responde ao tipo específico de material realizado por este campo. Ao se descrever uma produção como audiovisual ela remete a uma generalização de natureza do suporte, mas não esclarece sobre o conteúdo, podendo tratar-se de qualquer tema, assunto, modalidade discursiva e/ou narrativa. O contrário não acontece com o termo telejornalístico que além de remeter diretamente à natureza audiovisual da produção ainda esclarece, sem deixar dúvidas, sobre a especificidade do conteúdo, ou seja, trata-se de conteúdo jornalístico.

Mais do que efetivar um lugar de fala ou marcar um espaço legitimado no âmbito profissional, o termo telejornalismo ou telejornalístico, como se pode comprovar, define com mais propriedade a essência das produções em jornalismo no suporte audiovisual para as diferentes telas da contemporaneidade, trazendo de imediato a compreensão da sociedade para a existência, a função e a aplicabilidade do jornalismo nas narrativas em áudio e vídeo distribuídas em diferentes plataformas e suportes.

Por tudo o que já se apresentou é que se assumiu, desde 2012, que a televisão brasileira desenvolveu uma linguagem própria, fruto da apropriação de condutas e de formatos imagéticos já conhecidos como o cinema e a fotografia, por exemplo, com suas noções de eixo, plano, iluminação, cor, cena, composição, tomada, cenário, estúdio, sequências, entre outros elementos formativos estabelecendo uma gramática de produção. Gramática essa que já nasce híbrida, afinal, traz traços do teatro, das falas cotidianas, do rádio, dos jornais e revistas impressos, dos livros, do cinema, da fotografia, da pintura, enfim, das artes visuais e cotidianas praticadas pela sociedade. Em tempo, é preciso explicitar que por gramática compreende-se, partindo de Greimas e Courtés (2016), “a descrição dos modos de existência e de funcionamento de qualquer língua natural ou, eventual e, mais amplamente, de qualquer semiótica” (p. 239). Nesta acepção, o que é interessante apropriar-se são os termos existência e funcionamento que permitem aproximar, respectivamente, aos de natureza e funcionalidade/aplicabilidade. Nesta direção, partindo dessas considerações, assume-se como conceito operacional de *gramática de produção, um conjunto de caracteres (grammata) que se organizam a partir de normas específicas de determinado meio que sustenta o emprego de estruturas que se relacionam e estabelecem regras de uso e aplicabilidade*. No caso específico do que se poderia chamar de *gramática televisiva* ou *televisual*, estes caracteres partem do suporte da imagem eletrônica e/ou videográfica e o desenvolvimento tecnológico vivenciado pela televisão ao longo de sua existência, tanto no campo do analógico como, mais recente, no do digital. Como bem diz Duarte (2000), diferenças essas que se constituem no processo de discursivização, onde se estabelecem as estratégias discursivas/mecanismos expressivos que se expressam em diferentes conteúdos.

Neste mesmo aspecto, também a proposição de uma *linguagem* específica do *televisual* estaria submetida a estes elementos fundantes, podendo ser definida ope-

³Esta discussão é iniciada por Emerim (2014), parcialmente em artigo de 2015 (EMERIM; FINGER; CAVENAGHI). Disponível em: <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4593/1100>; e, posteriormente, aprofundada em artigo publicado em 2017, disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/28073>, cujas referências completas estarão na bibliografia deste artigo.

racionalmente por *tudo que refere elementos, caracteres e termos técnicos ou culturais que possam estabelecer uma gramática de regras, ações ou usos em televisão, organizada a partir de um sistema de códigos comuns a natureza do meio ao qual é oriundo e com o qual estabelece relações internas e externas*. Aliás, esta noção de *linguagem televisual* vem sendo empregada e aprimorada desde 2000⁴ e, ao considerar que ela existe parte-se, também, da concepção de que ela fundamenta os processos produtivos de toda e qualquer realização telejornalística, exibida em qualquer tela e distribuída em qualquer plataforma.

Outra premissa advém do contexto tecnológico que sobredetermina esta linguagem e, conseqüentemente, limita e potencializa as produções telejornalísticas, permitindo-lhe contagiar-se pelos novos processos, inovando, renovando e transformando-se. O jornalismo produzido *pela e para* as telas segue estas mesmas rotinas, responde as mesmas regras e condutas, porém, também busca legitimar-se construindo percursos diferenciados que possam lhe conceber identidade própria. Surge nesta acepção, o que se pode definir como linguagem telejornalística que se utiliza dos mesmos mecanismos expressivos que configuram a gramática da linguagem televisual e agrega especificidades que são inerentes ao fazer jornalístico. Assim, *por linguagem telejornalística compreende-se a gramática específica de produção que estabelece regras a partir das ações ou usos em televisão, que se organiza a partir de um sistema de códigos comuns a natureza do meio televisual articulada aos fundamentos e preceitos do jornalismo, estabelecendo a aplicação de uma rotina de regras específica de um fazer*. Há claramente um percurso de consolidação do Telejornalismo como um campo atual e produtivo contemporâneo e, como disciplina que, desde certo tempo, estabeleceu um conjunto de axiomas com consistência teórica. Muitas delas advindas do próprio Jornalismo, mas outras específicas da própria natureza da televisão. Nesta direção os estudos sobre o campo do telejornalismo desenvolvidos em diferentes âmbitos e aspectos, também vêm postulando especificidades, considerando suas potencialidades e restrições, investindo num fluxo de abordagens teórico-metodológicas que podem ser consideradas como formadoras de um campo específico de conhecimento científico, a luz do que o próprio Jornalismo já construiu.

⁴Tal noção foi apresentada pela primeira vez, numa versão mais preliminar, na Dissertação de Mestrado intitulada *Muvuca: ensaios sobre o texto televisivo contemporâneo, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Comunicação, com ênfase em Semiótica, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, defendida em janeiro de 2000; e, desde então, vem sendo aprimorada pela autora em pesquisas posteriores.*

Em torno do telejornalismo: um percurso histórico de pesquisas

Pesquisar telejornalismo é, fundamentalmente, estudar imagens e, para tanto, é preciso entendê-las bem como a relação que elas estabelecem com a linguagem telejornalística. Como já se apontou, vive-se a era das imagens, visto que todo e qualquer produto ou elemento de nosso dia-a-dia está acompanhado de imagens, de diferentes suportes e fixações, efêmeras ou concretas. Aliado a este contexto, agrega-se, ainda, esta inserção e participação mais ativa da sociedade sobre o que vê e o modo como se dá este ver. É fato que as imagens sempre existiram e os estudos sobre elas se estruturam desde Platão e Aristóteles, passando por Eisenstein (1990), Griffith (*apud* XAVIER, 1984), Bazin (1992), incluindo Flusser (1985) e muitos outros, mais contemporâneos, cujo propósito circunda a busca de entendê-las em sua essência e processo, em como fazê-las da melhor forma; como as compreender e descobrir sua função, o seu papel enquanto elemento sócio da sociedade, em interpretar e entender os seus significados para os homens, seus usos individuais ou coletivos, enfim, quase sempre ligada a um propósito, a um objetivo.

No telejornalismo, por exemplo, o conteúdo se preocupa em apresentar assuntos que interessem a segmentos cada vez mais específicos e, ao mesmo tempo, para todas as telas da atualidade (tevé, smartphone, tablet, etc.), explorando suas infinitas possibilidades e avanços tecnológicos, sua integração intensa e nunca experimentada antes na vida cotidiana. Pela sua função de mediação, ao trazer os fatos do mundo

para a intimidade, para dentro da casa do cidadão, como se ali acontecessem, o *telejornalismo* cria um espaço específico de vivência que marca a passagem entre o exterior e o interior e, ao mesmo tempo, derruba a fronteira entre o público e o particular ou privado. Esta vivência articula sentidos que são potencializados pelos códigos específicos desta relação semiótica, ou, pela semiose, constituindo uma gramática específica de formas de expressão e de conteúdo. Para compreender o processo de expressão televisiva é preciso entender essas e outras características, afinal este espaço de apresentação da realidade, onde o imediatismo de sua reprodução técnica lhe concede o status de recorte do real, potencializada pela mídia convergente, interativa e compartilhada, é determinado pela tela onde se dá a representação da realidade.

Neste aspecto, forma-se nos estudos de Telejornalismo a preocupação em constituir um campo de conhecimento que privilegie análises menos ideológicas, que apresentem críticas mais coerentes e pertinentes, com o desafio de consolidar um percurso de credibilidade científica e que adote procedimentos metodológicos que alcancem a “validade universal” exigida pelas Ciências Humanas e Sociais, sendo passível de aplicação em outras áreas e para outros pesquisadores. Para dar conta destas especificidades, os trabalhos mais recentes apontam para uma metodologia que contemple a articulação dos preceitos das Teorias Sociais da Mídia Televisual, da Pesquisa Aplicada, da Semiótica Discursiva e dos Estudos da Linguagem.

É neste fluxo que esta se organizando uma estrutura de abordagens teórico-metodológicas dentro do Programa de Pós-graduação em Jornalismo (POSJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que vêm procurando formar um campo específico de conhecimento científico: os estudos sobre o Telejornalismo. Tais pesquisas, sediadas na linha 2. Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo, partem, em sua maioria, 1) da proposição de articulações metodológicas que possam dar conta da complexidade dos objetos telejornalísticos que surgem na contemporaneidade, e 2) da apresentação de modelos de produção que permitam aplicar e testar propostas do ponto de vista da linguagem, da inovação e das novas tecnologias. Assim, das pesquisas mais atuais desenvolvidas no POSJOR aparecem aquelas que se propõem a: identificar o telespectador prospectado nos formatos dos programas telejornalísticos para entender para quem estes programas realmente falam (CAVENAGHI, 2013); comparar reportagens produzidas por jornalistas com outras produzidas por equipes de amadores treinados pela mesma emissora para atuar em locais que a equipe profissional não consegue entrar (FRAZÃO, 2013); analisar a cobertura de violência em telejornais locais para compreender o poder político, econômico e social dessas notícias (HOMRICH, 2015); entender como produzir jornalismo em formatos híbridos como os *newgames* e analisar sua potencialidade como agente noticioso (BOURSCHEID, 2016); propor um modelo de como produzir conteúdo telejornalístico para dispositivos móveis como tablets ou smartphones (ALEXANDRE, 2016); potencializar a voz como um elemento de construção de credibilidade para telejornais e telejornalistas (RUSSI, 2016); estudar as imagens e o poder em memes distribuídos na web com o olhar sobre os formatos e elementos constitutivos da imagem televisiva (SÉKULA, 2016); propor um modelo de produção de conteúdo telejornalístico imersivo (COSTA, 2017). Tais pesquisas têm em comum a crença na centralidade do telejornalismo e na sua compreensão como um conjunto de processos inter-relacionados e, assim, os trabalhos propõem articulações metodológicas que possam dar conta desta processualidade considerando, então, suas diferentes dimensões, os eixos da produção, da circulação e da recepção/consumo.

Proposta introdutória a uma Teoria do Telejornalismo

Mas há ainda, talvez influenciada pelo modelo teórico dominante nas Ciên-

cias Humanas durante muitos anos, uma dicotomia nestas pesquisas e estudos. Se de um lado, há aqueles que defendem análises com menos ideologia e críticas senso comum, adotando, defendendo e respeitando o contexto, às possibilidades e restrições do meio, de outro, há ainda muitos pesquisadores que não obstante contribuam muito para o campo, dedicam-se a mostrar os problemas e restrições do telejornalismo, porém, não avançam nas proposições em prol de mudanças ou na sugestão de formas efetivas para contribuir na qualificação de processos para o mercado profissional ou mesmo das produções.

Em outra direção, embora o telejornalismo faça parte dos programas e modelos de produção históricos desde o surgimento da mídia tevê no Brasil, há pouco mais de 30 anos ele tem se constituído efetivamente como objeto de estudo para o jornalismo, sob este viés propositivo e integrador, respondendo a um dos preceitos basilares da pesquisa científica: contribuição para a melhoria de processos socioculturais com reflexos na economia, na educação e na política das sociedades contemporâneas. E, para que um campo possa movimentar o todo social, em suas diferentes instâncias, é necessário postular premissas e conceitos operacionais que podem, ou não, transformarem-se em constructo teórico para esse campo. Nessa direção, com a proposta de contribuir com este constructo e fomentar a circulação destas proposições, é que se apresenta a seguir, os resultados mais conceituais das pesquisas desenvolvidas junto ao POSJOR UFSC e às redes de grupos e pesquisadores que integram a Rede Telejor.

É preciso, antes, delimitar o lugar de fala destes estudos, algumas das premissas norteadoras de toda esta proposição. Em primeiro, a preocupação é a de entender os modos específicos da produção de conteúdo telejornalísticos, em diferentes plataformas e suportes, considerando o que faz e o que pode fazer, compreendendo o contexto de existência e funcionamento, relevando a trajetória histórica tanto das empresas, dos veículos e programas como, também, sistematizar os modelos e características dessas produções em cada época, mapeando rotinas produtivas e processos inovadores. Uma segunda premissa é a de se comprometer em emitir análises coerentes, sérias e aprofundadas, que possam observar o meio profissional e estar atento para propor novas formas de atuação, mais qualificadas e que possam responder não só as questões mais amplas da função do jornalismo nas sociedades contemporâneas como também subsidiar os profissionais do jornalismo televisual não só colaborando com propostas e sugestões sobre este fazer específico como sistematizar os resultados obtidos e respaldados pelo campo acadêmico especializado e pelos profissionais em atuação no mercado. Esta é a grande proposição da pesquisa aplicada, é a de estar mais próxima da realidade dos fazeres e das práticas, experimentar, testar, propor e subsidiar os seres no mundo social em que se inserem não só como profissionais mas também como agentes do mundo contemporâneo. Uma terceira premissa é a de que o telejornalismo ou o *jornalismo de televisão* não é apenas o exibido nos programas definidos como telejornais⁵, como já se apontou em outros artigos, há na grade de programação das emissoras de televisão e de outras plataformas e suportes, uma gama variada de outros programas, que recorrem a formatos diversos e trabalham com referência direta ao real, cujas temáticas são, fundamentalmente, a apresentação ou a repercussão de fatos, acontecimentos e ações de pessoas que tem referência direta com o mundo real, sendo, também e, portanto, telejornalismo. Depois do exposto, parte-se, então, para a apresentação de alguns conceitos que podem introduzir uma proposição sistematizada sobre definições do campo específico do Telejornalismo, o Jornalismo para Telas.

Emerim (2014, 2016) aponta que mesmo termos que parecem claros e consensuais no campo do telejornalismo não estão devidamente constituídos e merecem um olhar mais cuidadoso em torno de sua definição e caracterização. O primeiro e, talvez, o mais importante no âmbito do telejornalismo, seja o próprio termo te-

⁵Sobre este tema ver artigo publicado em 2011, pela autora, em parceria com Antonio Brasil, disponível em http://analisedetele-jornalismo.files.wordpress.com/2011/08/brasil_emerim.pdf.

lejornal, o programa mais tradicional que caracteriza a própria produção telejornalística. O telejornal é um *formato*, um tipo específico de produção de conteúdo de informação para telas que apresenta notícias, com base nos fatos ocorridos na sociedade, sem a emissão direta de juízos de valor, opinião e/ou interpretações sobre os fatos narrados. Como formato, recorre a uma estrutura discursiva que é repetida e que o identifica e conforma. Assim, tem-se por “telejornal um programa que reúne notícias que tenham repercussão e abrangência para um público eclético cujas temáticas selecionadas têm o objetivo de resumir os principais fatos e acontecimentos das últimas horas” (EMERIM, 2014, p. 87). Nesta perspectiva de atualização, o contexto tecnológico e do mercado profissional que funciona pela lógica do segmento, exige também pensar estes novos conteúdos híbridos e hiperbólicos, disponibilizados num espaço cada vez mais hipersegmentado. Portanto, compreende-se por *segmentação televisiva o conjunto de operações discursivas que evidencia as unidades próprias constituintes de um produto permitindo o reconhecimento de suas partes e categorias internas e, conseqüentemente, a definição de suas funções em cada nível da linguagem telejornalística*. E, nessa direção, por *telejornal segmentado*⁶ *um programa que reúne uma seleção de notícias que recebem tratamento discursivo direcionado para um segmento específico que é definidor de toda a escolha, articulação e produção de seus elementos de conteúdo e expressão*. E, ainda, o *telejornal hipersegmentado*⁷ que se entende por *um programa que reúne uma seleção de notícias organizadas por núcleos temáticos e cujo tratamento discursivo condiciona a pré-existência de unidades mínimas permitindo o reconhecimento de suas partes e categorias internas para redes de interesse direcionado* (EMERIM, 2014, p. 88-89). Emerim e Brasil (2011) e Emerim e Cavenaghi (2012) apontam também sobre o conceito de transmissão direta e de cobertura em telejornalismo, chegando aos seguintes conceitos operacionais: 1) *transmissão direta é um tipo específico de transmissão de acontecimentos que ocorrem ao vivo, exibidos sem cortes e em tempo real, com apresentação em tempo simultâneo à ocorrência do acontecimento*⁸. E, *cobertura em telejornalismo se constitui em qualquer ação de apuração e produção de fatos para serem transformados em notícia em televisão*. Podendo estas coberturas dividir-se em *grande cobertura, um tipo de trabalho jornalístico que mostra um acontecimento em todas as suas perspectivas; uma cobertura grande que recobre um acontecimento por um longo período de tempo em que este acontecimento permaneça em pauta; e, por fim, uma cobertura especial cuja temática é desdobrada em profundidade e durante um longo período de permanência na mídia*. É preciso definir, ainda, *texto televisivo* que se compreende como uma unidade de sentido, produto da semiótica, isto é, *da função contraída entre expressão e conteúdo, podendo utilizar-se das mais diversas substâncias para sua expressão* (DUARTE, 2000). Ou seja, um *texto televisivo* se caracteriza pelo *emprego de diversas linguagens que o conformam como um texto complexo e híbrido da contemporaneidade, com múltiplas interfaces* (EMERIM, 2000).

Essas proposições estão em aplicabilidade no campo, sendo testadas por diferentes pesquisadores e em publicações e fazem parte deste esforço coletivo de fundamentar um constructo teórico do telejornalismo ou do jornalismo para telas. Para desenvolver estas acepções, buscou-se resguardo nos postulados da Semiótica Discursiva com o objetivo de compreender as possibilidades de geração de sentido e significação bem como experimentar a sua eficácia operacional.

Semiótica Discursiva: uma proposta de Análise em Telejornalismo

Nesta última seção, o objetivo é o de reiterar um percurso de análise que vêm sendo empregado para enfrentar os produtos telejornalísticos da contemporaneidade, exercitados no Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIP-

⁶Sobre este tema ver artigo publicado em 2013, pela autora, em parceria com o professor Dr. Antonio Brasil, intitulado *Hipersegmentação: pensando o conceito de telejornal na convergência*, disponível em <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJOR/paper/view/2625/585>

⁷Idem o anterior.

⁸Sobre este tema ver artigo publicado em 2011, pela autora, em parceria com Antonio Brasil, intitulado *Coberturas em Telejornalismo*, disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1276-1.pdf> e, em outro artigo, publicado pela autora em conjunto com Beatriz Cavenaghi, intitulado *Coberturas ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais*, disponível em <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/view/1699>.

Tele), principalmente com os pesquisadores do núcleo da UFSC. Os pressupostos, como já se adiantou, são da semiótica discursiva, considerando as condições de produção, circulação e recepção dos produtos telejornalísticos, partindo dos postulados de Greimas e Hjelmslev, articulando-os com outros estudiosos semioticistas como Paolo Fabbri, Eliseo Verón, Omar Calabrese, Patrick Charaudeau, Arlindo Machado, Elizabeth Duarte, Sandra Ramalho e Oliveira, Eric Landowski, Lucia Santaella, entre outros. Para dar conta deste artigo a proposta exhibe a estrutura metodológica, visto que os principais conceitos já foram amplamente divulgados por Emerim em artigos e capítulos de livros (2014; 2016; 2017), ressaltando que se trata de um método de análise em permanente experimento pelo campo acadêmico.

A premissa deste método é estudar os objetos do jornalismo de telas a partir do texto e, nesta centralidade, recorrer às suas unidades mínimas, porém, buscando compreender o contexto de existência e funcionamento deste objeto no mundo, mapeando e compreendendo as relações que ele estabelece de forma interna e externa. Como já se apontou, a semiótica se preocupa em organizar metodologias que permitam articular *produção e reconhecimento* dos *sentidos*, considerados os diferentes sistemas culturais e sociais em que essas instâncias estão inseridas.

Para Hjelmslev, o objeto empírico de análise da semiótica é o texto, examinado pelos relacionamentos que existem: “1) entre ele e outras partes coordenadas, 2) entre a totalidade e as partes do grau seguinte, 3) entre o conjunto dos relacionamentos e das dependências e essas partes” (HJELMSLEV, 1975, p. 28). Outro ponto importante é que para dar conta dos propósitos das investigações sobre o telejornalismo e seus produtos não se pode ficar restrito aos limites do texto, neste aspecto, a proposta empregada observa as condições de produção, circulação e consumo dos objetos analisados, centrando este estudo no texto, com descrição e interpretação de sua manifestação discursiva, realizando uma investigação empírica dedutiva, buscando entender o que o texto *diz e como faz* para dizer o que diz. Parte-se do pressuposto de que o suporte material do discurso *é a manifestação*; é ela quem oferece as condições para o estudo empírico da produção de sentido, embora se constitua em fragmentos da semiose. Portanto, para se empreender uma análise semiótica em telejornalismo, centrada no nível discursivo, é preciso considerar a especificidade de sua forma de produção técnica e a natureza de seus textos – programas. Toda esta recuperação da gramática e dos modos de produção permite um aprofundamento da análise a partir da compreensão sobre a linguagem televisiva e suas especificidades, já explicitado anteriormente.

Recupera-se, então, as marcas discursivas inscritas no texto buscando compreender para qual público a produção se destina e como o telejornalismo vem configurando seus textos-programas (produtos) para dar conta da convergência midiática e da televisão interativa, os conteúdos telejornalísticos híbridos e hiperbólicos. A primeira etapa de análise do objeto sistematiza e descreve, analisa e interpreta numa sequência que inicie pela linguagem, perpassa pelas técnicas e as especificidades de sua natureza e, por fim, contemple a recepção, como se propõe a seguir: 1) o objeto (um programa ou episódio) na relação com o espaço midiático no qual está inserido; 2) o objeto (um programa ou episódio) na relação com a emissora responsável pela sua produção; 3) o objeto (um programa ou episódio) na relação com a programação geral da emissora; 4) o objeto (um programa ou episódio) na sua estruturação interna, compreendendo a análise e comparação dos episódios/emissões que o compõem; 5) a análise detalhada de um programa ou episódio (parte escolhida). A ferramenta que permite esta descrição ou decomposição é a *decupagem*, ou seja, o *processo de decomposição de materiais* que operacionaliza esta descrição e permite entender o funcionamento e a organização interna dos objetos telejornalísticos, as regras utilizadas pelos produtores na produção do material a ser analisado e o contexto de sua existência e funcionamento. A decupagem pode ser dividida em decupagem geral e

decupagem interna. A Decupagem Geral apresenta as características mais gerais do material a ser analisado e a Decupagem Interna um olhar mais aprofundado e uma descrição dos elementos internos mais específicos. Na segunda etapa, estabelecem-se as categorias hierarquizadas para a organização dessa análise, descrevendo aspectos mais direcionados, tais como: 1) o *histórico do programa* na emissora; 2) o *gênero* de que é representante, no caso os telejornais; 3) o formato em que é configurado, caracterizando:

a) a *sua estrutura*: a forma de estruturação discursiva que tende a repetir-se nos programas televisivos telejornalísticos com vistas a facilitar sua produção e tornar o seu formato conhecido, possibilitando o estabelecimento de vínculos com seus telespectadores;

b) as suas *chamadas internas e externas*: a forma mais habitual de divulgação dos programas televisivos;

c) o *cenário*: os enquadres com que a televisão trabalha, conhecidos como *set-tings* ou cenários, constituem-se em um espaço definido e preparado, adequado às necessidades de seu processo produtivo. O cenário é um dos elementos que permite a pronta identificação do programa por parte do público telespectador;

d) *os atores sociais e discursivos e suas funções*: a produção televisiva opera pela transformação de atores sociais, midiáticos ou não, em atores discursivos, isto é, em atores dos textos televisivos telejornalísticos;

e) *as temáticas preferenciais*: o gênero que “en-forma” um texto-programa telejornalístico e o público a que se destina, de certa forma, direciona e determina as temáticas que deverão ser, preferencialmente, por ele abordadas;

f) *o tratamento do tempo*: a forma como o programa opera com os diferentes regimes temporais que a produção televisiva em telejornalismo possibilita, aponta as diferentes formas de cobertura dos acontecimentos: ao vivo, em tempo real; editado e ao vivo, em tempo real e simultâneo à ocorrência dos acontecimentos;

g) *a recorrência às reportagens e entrevistas*: (não só no caso dos telejornais, mas em qualquer programa que a utilize do ponto de vista informativo) a forma como um programa se propõe a operar com os acontecimentos, pode fazê-lo lançar mão de uma equipe especializada que se desloca para o espaço de ocorrência dos acontecimentos, de onde os registra/transmite.

Assim, para considerar essa metodologia de análise para os produtos telejornalísticos, acima de tudo, é preciso compreender a função, o papel que ele exerce nos textos televisivos contemporâneos, buscar suas especificidades e dimensionar, a partir do mapeamento de suas características fundantes, o processo comunicativo que o engendra em diferentes telas, plataformas e suportes. Esta proposição não está fechada e este percurso vem se adaptando e articulando-se com outras metodologias e teorias como Estudos Culturais e Análise de Discurso de origem Francesa como também com a Pesquisa Aplicada e alguns métodos e técnicas estatísticas. O que comprova a interdisciplinaridade da proposição semiótica e as possibilidades de interlocução com outras áreas do conhecimento, potencializando o seu método analítico.

Para finalizar, tal proposta tem sido testada em diferentes âmbitos com a expectativa de que este percurso de estudos e investigação possa contribuir para o fortalecimento deste campo específico dos Estudos do Telejornalismo bem como potencializar as práticas de produção de conteúdo telejornalístico em diferentes telas, distribuídas em múltiplas plataformas.

Referências

BARROS, Diana Luz D. de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1987.

_____. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1985.

BAZIN, André. **O que é o cinema?**. São Paulo: Horizonte, 1992.

CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. São Paulo: Cultrix, 1984.

CASSETTI y CHIO, Federico di Francesco. **Análisis de la televisión** – instrumentos, métodos y prácticas de investigación. Barcelona: Paidós, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours d'information médiatique**. Paris: Nathan, 1997.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Fotos & Grafias**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.

_____. **Televisão: ensaios metodológicos**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **Reflexões midiáticas: o texto televisivo**. Disponível em www.eca.usp.br/associa/alaic/chile2000/.../Bastos.doc, acesso em 22 de março de 2001.

EMERIM, Cárlica. Semiótica discursiva: aplicações na pesquisa em jornalismo. In: SCÓZ, Murilo; VANDRESEN, Monique; OLIVEIRA, Sandra Ramalho e (orgs.). **Proposições interativas: modos de produzir sentidos**. Florianópolis: Ed. UDESC, 2016, p. 159-184.

EMERIM, Cárlica. Telejornalismo e Semiótica Discursiva. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flavio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **Telejornalismo em questão**. Coleção Jornalismo Audiovisual. V.3. Florianópolis: Insular, 2014.

EMERIM, Cárlica. Análise da Narrativa Televisiva: do programa ao texto. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio. **Narrativas Comunicacionais Complexificadas**. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 2012a.

_____. **As entrevistas na notícia de televisão**. Florianópolis: Insular, 2012b.

_____. **Muvuca: ensaios sobre o texto televisivo**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-graduação em Comunicação. São Leopoldo. 2000. Disponível no repositório da BU Unisinos.

_____. (org.). **Telejornalismo e pesquisa: resultados e experiências**. Novo Hamburgo: Ed. Feevale, 2011.

EMERIM, Cárlica; PAULINO, Rita (Orgs.). **Ensaio sobre televisão e telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2013.

EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane; CAVENAGHI, Beatriz. Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo. In: **Anais do 13º Encontro da SBPJor**. Disponível em

<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4593/1100>; acessado em 02 de novembro de 2017.

FABBRI, Paolo. **Tácticas de los signos**. Barcelona, Espanha: Editorial Gedisa, 1995.

_____. **El giro semiótico**. Barcelona, Espanha: Editorial Gedisa, 1999.

FINGER, Cristiane; EMERIM, Cárlica; CAVENAGHI, Beatriz. Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo. **Revista Sessões do Imaginário** (PUC/RS), ano 22, número 37, 2017. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/28073>, acesso em 05 de novembro de 2017.

FLOCH, Jean-Marie. **Petite mythologie de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique**. Paris : Éditions Hadés-Benjamins, 1985.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

GREIMAS, A. J; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

_____. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2016.

GREIMAS, A. J. *et. al.* **Análise estrutural da narrativa**. São Paulo: Vozes, 1973.

GREIMAS, A. J; LANDOWSKI, E. **Análise do discurso em Ciências Sociais**. São Paulo: Global, 1986.

_____. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1976.

HERREROS, Mariano Cebrián. **Introducción al lenguaje de la tele-visión: una perspectiva semiótica**. Madrid: Ed. Piramide, 1978.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **Ensaio linguísticos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

JOST, François. **Introduction à l'analyse de la television**. Paris: Ellipses, 1999.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2000.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Semiótica visual: os percursos do olhar**. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Introdução a Semiótica**. São Paulo: Ed. Paulus, 2017.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social**. Barcelona: Gedisa, 1996.

XAVIER, Ismail. **Griffith**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Dissertações defendidas no POSJOR UFSC:

CAVENAGHI, Beatriz de Araújo. **Telejornalismo local: estratégias discursivas e a configuração do telespectador.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122899>.

FRAZÃO, Samira Moratti. **Parceiro do RJ: a prática do jornalismo participativo no RJTV 1º edição e as transformações na rotina profissional dos jornalistas.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106874>.

HOMRICH, Lalo Nopes. **As funções discursivas da edição no telejornalismo: uma análise sobre as reportagens na cobertura dos atentados em Santa Catarina (2012-2014).** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/157330>

BOURSCHEID, Ana Paula. **Funções do jornalismo nos newsgames.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169217>

ALEXANDRE, Tássia Becker. **Telemobile: indicativos para um modelo de telejornal para dispositivos móveis.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169223>

RUSSI, Ana Carolina. **Voz e telejornalismo: um estudo sobre a construção vocal da credibilidade.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169222>.

SÉKULA, Ricardo José. **Os memes como exercício de contrapoder a discursos político-midiáticos: uma reflexão a partir dos debates eleitorais de 2014.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis. 2016. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PJOR0086-D>

COSTA, Luciano Gonçalves da. **Jornalismo Imersivo: aspectos teóricos e técnicos para um modelo narrativo.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis. 2017. [com disponibilidade prevista no repositório da BU UFSC em março de 2018].